

Calvino e a sua contribuição literária para a educação

Mário Sérgio Batista

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: mario.batista@mackenzie.br

RESUMO

O presente artigo demonstra que o movimento da Reforma Protestante do século XVI não ficou circunscrito ao campo da religião, mas alcançou outras áreas da sociedade, tendo em João Calvino, além da sistematização da teologia, uma expressiva contribuição para a educação, dada a sua vasta produção literária.

PALAVRAS-CHAVE

Calvino. Cultura. Educação.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pretendemos tratar, neste texto, do tema: a Reforma Protestante e seu legado na contemporaneidade: Calvino – história e cultura. Sendo assim, é importante destacar que o movimento reformista do século XVI não ocorreu intramuros. Ele não aludiu apenas a questões pontuais de desvio da fé cristã, segundo os ensinamentos da liderança da Igreja da época; aliás, desvios apontados com provas substanciais pelo monge Martinho Lutero. A orientação desse movimento foi extramuros, pois teve vários desdobramentos ao longo da história, alcançando, por exemplo, a política, a economia e a educação, áreas absolutamente imperiosas para o bem-estar e desenvolvimento da vida humana.

Nas palavras de Comparato (2006, p. 167-169):

A Reforma Protestante foi, incontestavelmente, a primeira revolução social do mundo moderno [...] contribuindo, de modo direto ou indireto, para a transformação da sociedade europeia, não só no campo religioso, mas também no terreno político e econômico, ao produzir fundas alterações no ideário, nas instituições de organização social e na prática de vida.

Por entender a educação como um direito de todas as pessoas e que a Igreja deveria estar envolvida com a máxima responsabilidade nesse processo educa-

cional, Lutero (1995) afirmou que uma das missões da Igreja era educar. E, caso ela se recusasse a fazer isso, estaria em grande pecado:

De que valeria se, no mais, tivéssemos e fizéssemos tudo e fôssemos todos santos, mas deixássemos de fazer aquilo que é a razão principal de nossa existência: a educação da juventude? *Em minha opinião, nenhum pecado exterior pesa tanto sobre o mundo perante Deus e nenhum merece maior castigo do que justamente o pecado que cometemos contra as crianças quando não as educamos* (LUTERO, 1995, p. 307, grifo nosso).

Compreendendo a importância da Palavra de Deus como instrumento absolutamente necessário para a libertação espiritual da alma dos que viviam acorrentados pela ignorância, os reformadores começaram a se mobilizar para traduzir a Bíblia na língua do povo. Essa tarefa, reconhecidamente árdua, tinha como objetivo principal oferecer a todos os fiéis o livre acesso à leitura das Sagradas Escrituras, pois a compreensão do pensamento reformado era que a Igreja deveria submeter-se à autoridade das Sagradas Escrituras, e não ao contrário.

Desse modo, os fiéis foram incentivados a ler e a interpretar a Bíblia, pelo entendimento da prática difundida pelos reformadores sobre o livre exame das Sagradas Escrituras. Tal ensinamento provocou uma revolução hermenêutica na estrutura do pensamento teológico dominante, abalando assim o *modus vivendi* do clero romano que mantinha o monopólio da interpretação da Palavra de Deus.

Conscientes acerca do que acontecia ao seu redor, o pensamento latente dos reformadores residia no fato de que, se as Escrituras Sagradas fossem traduzidas em uma língua acessível ao povo, todos aqueles que a desejassem poderiam, então, ouvir a voz de Deus pela leitura da Sua Palavra; e, conseqüentemente, todos teriam livre acesso à presença de Deus, não necessitando da mediação de nenhum sacerdote.

A REFORMA E A EDUCAÇÃO

Lutero e Calvino, reformadores da primeira e segunda gerações, respectivamente, viviam num contexto social e cultural com elevados índices de analfabetismo. Esse era um problema de grandes proporções a ser não apenas enfrentado, mas também vencido pela nova Igreja que nascia. Assim, o desafio da Igreja era alfabetizar as pessoas, para que elas pudessem ler e interpretar as Sagradas Escrituras por si sós e, com isso, estariam aptas para abrir o caminho para a grande missão do Reino de Deus que lhes cabia, no caso: a evangelização das

nações. Foi nesse sentido que os reformadores perceberam a importância de inserir no rol de responsabilidades da Igreja a função social da educação.

Voltando os nossos olhos para um passado mais distante, conforme observa Pirenne (1968), a Igreja foi, durante a Idade Média, a classe social mais importante. Ela era a grande detentora do saber e de grandes bens materiais da sociedade. Emprestava dinheiro aos senhores e à aristocracia em tempos de penúria. Até o século XI foi somente ela, também, que conservou em seus domínios a faculdade de ler e escrever, quesitos básicos para um mínimo de instrução. A educação de reis e príncipes, filhos de senhores e do povo passava, necessariamente, por suas vistas.

Lutero e Calvino dedicaram especial atenção à área da educação. Ambos afirmavam, em suas manifestações reformistas, que a educação era um direito de todo cidadão, sendo, portanto, dever e responsabilidade do Estado.

A educação do homem para Calvino (1999, p. 185-186) era algo fundamental, era a oportunidade de resgatar a sua própria natureza:

Portanto, quando lemos os escritores pagãos vemos neles a admirável luz da verdade que resplandece em seus escritos, eles nos devem servir de testemunho de que o entendimento humano, por mais que esteja caído e degenerado de sua integridade e perfeição, todavia, não deixa de estar ainda adornado e enriquecido com excelentes dons de Deus.

Diante desse desafio, fixava-se a visão dos reformadores, por entenderem de imediato que a Igreja deveria ser uma parceira do Estado nessa difícil, mas urgente, tarefa educacional. Para tanto, orientavam as suas comunidades a ter uma escola ao seu lado. Essa veio a ser uma das marcas das igrejas reformadas em todo o mundo.

Existem, certamente, outros ensinamentos da Reforma Protestante que merecem atenção; contudo, os aqui destacados geraram grandes discussões por parte da liderança eclesial da época, provocando várias reuniões e concílios. Nesse contexto, ressaltamos que, para muitos de confissão Católica Romana, Lutero foi e ainda é considerado um herege, um verdadeiro traidor, por ter-se insurgido contra a “santa fé” da Igreja de Roma. Todavia, para os que abraçaram as suas ideias reformistas, os quais posteriormente seriam conhecidos como protestantes, Lutero foi um herói que enfrentou praticamente sozinho o sistema religioso dominante da sua época, com determinação e fé nas Sagradas Escrituras.

Depois de apresentarmos aspectos da Reforma Protestante ligados à educação, trataremos agora da vida e da formação de Calvino, observando que “seu

maior legado para a civilização ocidental foram suas ideias e as formas literárias com que elas foram expostas” (MCGRATH, 2004, p. 31).

A FORMAÇÃO DE JOÃO CALVINO

No dia 10 de julho de 1509, nasceu João Calvino, na cidade de Noyon, na Picardia, no nordeste da França. Seu pai, Gérard Cauvin, era advogado dos religiosos e “secretário apostólico de Charles Hangest, bispo de Noyon, de 1501 a 1525” (COSTA, 2006, p. 12). Sua mãe, Jeanne Lefranc,

[...] que morreu quando ele era jovem, fora piedosa. Diz-se que ela levava o menino Jean em peregrinações religiosas para santuários e altares, a fim de reverenciar as relíquias e orar a Deus e aos santos (WALLACE, 2003, p. 9-10).

O lar de Calvino estava inclinado à vida religiosa, à vida eclesiástica, pois seu pai exercia um ofício que lhe permitia transitar entre os clérigos da região sem dificuldade e, conseqüentemente, desfrutava das amizades deles; já a sua mãe demonstrava ter uma vida de religiosidade e espiritualidade, vivendo-a com devoção e piedade. Tudo indica que João Calvino estava destinado a se envolver com a vida eclesiástica. A formação do seu lar, ao que parece, o encaminharia para isso, ou pela profissão que exercia seu pai ou pela piedade da sua mãe.

Quanto ao desejo dos pais de que Calvino observasse os sacramentos da Igreja e obedecesse a eles, tem-se a seguinte informação em relação ao seu batismo: “dentro de uma boa tradição católica, Calvino foi logo batizado, antes mesmo de completar um mês. Teve como padrinho um dos cônegos da catedral, Jean Vatines, de quem recebeu o primeiro nome” (FERREIRA, 1990, p. 38).

O pai de Calvino “provinha de troncos humildes: era de família rude. [...] Sonhava com um futuro brilhante para os filhos, especialmente para Jean, no qual adivinhava, desde cedo, uma inteligência privilegiada” (FERREIRA, 1990, p. 32). Porém, “ascendeu socialmente devido as suas funções. É escrivão da cidade, jurista. [...] Executa funções de advogado junto do provisorado e relaciona-se com o meio aristocrático” (CHAUNU, 1993, p. 201). Todavia, a sua ascensão não foi algo simples e fácil, e talvez por isso mesmo não medisse esforços para formar seus filhos, procurando dar-lhes boa educação.

Sobre as pretensões de Gérard Cauvin, em relação à formação dos filhos, Costa (2006, p. 13) diz: “sendo um ambicioso visionário procurou encaminhar a educação dos seus filhos da melhor maneira possível, usando dos meios e recursos que dispunha”. Nessa mesma direção, Dreher (1996, p. 94) acrescenta:

“Gérard era administrador de bens eclesiásticos e seus filhos receberam prebendas com as quais deveriam ser financiados seus estudos”.

O bom relacionamento de Gérard Cauvin com o bispo da cidade, a sua ascensão social e o seu interesse em proporcionar uma boa educação para os seus filhos fizeram com que alcançasse um benefício eclesiástico para o menino Calvino, em 1521:

Com a idade de 12 anos, Calvino recebeu um benefício do bispo de Noyon, graças à influência prudente de seu pai. A manutenção de um benefício requeria a entrada nas ordens menores e o cumprimento de tarefas eclesiásticas (GEORGE, 1993, p. 168).

Por alguns anos, Calvino desfrutou do privilégio de conviver e estudar com os filhos de famílias aristocráticas locais. Isso, sem dúvida, contribuiu para a lapidação da sua formação, permitindo que futuramente viesse a usar dos requintes da nobreza com facilidade para se relacionar na sociedade.

Aos estudos na escola local juntou-se a influência que Calvino recebia dos bons amigos e colegas que nela adquirira. Passou a frequentar a casa desses amigos e se tornou quase um membro da família de Adriano Hangest, parente do bispo, uma das famílias mais nobres da região. No convívio desse lar de gente da nobreza, Calvino aprenderia a etiqueta e as boas maneiras que regiam a alta sociedade, dando-lhe assim um toque de polimento e habilitando-o mais tarde, sem constrangimento, a movimentar-se com desenvoltura nas altas rodas, tanto em Paris como em outros lugares (FERREIRA, 1990, p. 38-39).

Ainda que desfrutasse desse convívio, extremamente saudável para a sedimentação da sua formação, Calvino não permaneceu muito tempo em sua cidade natal. O progresso em relação aos seus estudos requer a sua mudança para a capital. Paris é o lugar mais indicado para prosseguir na vida acadêmica, e o pai o encaminharia para lá.

Embora as universidades francesas estivessem em um estado de declínio generalizado, ao final do período medieval, especialmente como centros de treinamento profissional, parece claro que o pai de Calvino considerava uma educação universitária como um óbvio e excelente meio de crescimento social para seu filho, consolidando os importantes avanços feitos pela família na última geração (MCGRATH, 2004, p. 48).

A respeito da ida de Calvino para Paris, McGrath (2004, p. 39) aponta outro fato pertinente:

[...] os motivos pelos quais Cauvin desejava que João deixasse Noyon são, explicitamente, enunciados como um desejo de que seu filho pudesse escapar de uma epidemia de peste que, então, assolava a cidade.

Seja pelos interesses do seu pai, seja porque uma epidemia atingia a cidade de Noyon, verdade é que Calvino “chegou em agosto de 1522” (BEZA, 2006, p. 9), com 13 anos de idade, à capital francesa: “Inicialmente, residiria em casa de um tio, Jacó Calvino, um ferreiro, fabricante de chaves, de quem pouco ou nada se sabe” (FERREIRA, 1990, p. 39).

Em relação aos colégios em que poderia ter estudado, no primeiro período que viveu em Paris, depois de relatar algumas incoerências históricas devido à escassez de material, McGrath (2004, p. 43) apresenta, de forma sintética, a seguinte ordem possível:

1. Calvino teve aulas de gramática latina com Marthurin Cordier.
2. Ele, então, filiou-se, formalmente, ao Collège Montaigu.
3. Ele estudou humanidades, provavelmente com a intenção de estudar teologia, após a conclusão de seu curso.
4. Referências a Sainte-Barbe e a La Marche, nas primeiras biografias, podem se basear, eventualmente, em inferências incorretas ou mal-entendidas por parte de seus primeiros biógrafos. Calvino, provavelmente, teve aulas de latim sob a supervisão de Cordier, que podem ter sido ministradas tanto em La Marche como em Sainte-Barbe, sem que o jovem francês tivesse qualquer filiação formal com qualquer dessas faculdades, nesta fase inicial.

Ainda conforme McGrath (2004, p. 41), “não há evidência convincente, também, de que Calvino algum dia tenha sido membro do Collège de La Marche, antes de se transferir para o Collège de Montaigu”. Há uma carência documental quanto a esse assunto. Por isso, pouco se pode saber com exatidão a respeito do período inicial da educação de Calvino quando esteve em Paris.

Em linguagem pastoral, apresentando indícios do progresso religioso do futuro reformador de Genebra, Ferreira (1990, p. 39) dá a seguinte informação:

Em Paris, a providência lhe prepararia a oportunidade do encontro com um homem que teria importante papel na sua formação intelectual, logo de início: Marthurin Cordier que, indubitavelmente, influenciaria na sua evolução religiosa. Cordier era um homem de grande valor, e da mais alta reputação na França, como professor da juventude.

Para falar do desempenho de Calvino e da influência positiva exercida sobre ele pelo mestre Cordier, Chaunu (1993, p. 201) relata que “Calvino segue durante

alguns meses as lições de Marthurin Cordier, a quem deve o gosto pela elegância latina”. Assim, estabelece-se uma relação de profundo respeito, admiração e amizade entre o mestre e o discípulo. Mais tarde, como forma de gratidão e reconhecimento, “Cordier foi chamado por Calvino para ensinar latim na academia de Genebra, permanecendo nesse cargo até morrer, com 85 anos” (GEORGE, 1993, p. 170). Como forma de gratidão ao mestre Cordier, Calvino “dedicou o seu *Comentário da primeira epístola aos tessalonicenses*, publicado em Genebra, em 17 de fevereiro de 1550” (COSTA, 2006, p. 18).

Calvino ingressa, em 1524, no Collège de Montaigu, escola conhecida por suas disciplinas severas e pela alimentação de péssima qualidade que era oferecida aos seus alunos, a qual comprometeria séria e definitivamente a sua saúde. Entretanto, para Calvino o importante era o estudo. Nada o afastaria do seu desejo de aprender. Isso pode ser percebido neste relato apresentado por Ferreira (1990, p. 42):

Talhado para o sofrimento, dotado de uma capacidade inata, quase incrível de suportar os incômodos de uma vida sem saúde, aplicado aos estudos, ávido de aprender, não perdia tempo em arengas e queixas e, com uma pertinência heroica, foi adquirindo grande cabedal de conhecimento, com rapidez e facilidade, que dentro em pouco o tornaram o melhor aluno da sua turma.

Chaunu (1993, p. 202) registra: “é em Montaigu que Calvino aprende a conhecer e a amar Santo Agostinho”. Nessa mesma linha, Ferreira (1990, p. 41) acrescenta: “Tomás de Aquino, Jerônimo e outros grandes nomes do passado”. Pode-se dizer que o contato com os teólogos antigos entusiasmou Calvino a se dedicar às questões teológicas.

De “1526 a 1528, Calvino deixou Paris, como um jovem *licencie em arts*” (MCGRATH, 2004, p. 69). Ele, agora, estava habilitado para estudar Teologia, curso inicialmente pretendido pelo seu pai, mas Calvino acabou por fazer o curso de Direito. A escolha pelo curso de Direito, provavelmente, foi incentivada pelo seu pai. Gérard percebeu que o filho “teria melhores possibilidades de obter maior renda como advogado do que como servo da igreja” (GEORGE, 1993, p. 170).

Quanto à influência do pai em relação aos estudos, o próprio Calvino (1999, p. 37-38) esclarece:

Quando era ainda bem pequeno, meu pai me destinou aos estudos de teologia. Mais tarde, porém, ao ponderar que a profissão jurídica comumente promovia aqueles que saíam em busca de riquezas, tal prospecto o induziu a subitamente mudar seu propósito. E assim aconteceu de eu ser afastado do estudo de filosofia e encaminhado aos

estudos da jurisprudência. A essa atividade me diligenciei a aplicar-me com toda fidelidade, em obediência a meu pai.

Calvino iniciou seus estudos jurídicos, primeiro na faculdade em Orleans, onde recebeu influência do professor Pierre de L'Estoile, "o rei da jurisprudência" (FERREIRA, 1990, p. 45). Um ano depois, em 1529, Calvino foi para a famosa faculdade de Bourges. Lá "se dedicou ao estudo do grego, sendo tutelado por Melchior Wolmar, um erudito da Alemanha" (GEORGE, 1993, p. 171), que o incentivou a estudar literatura grega da Antiguidade. Do mestre alemão, além do conhecimento e domínio da língua grega, ele "recebeu influências no que diz respeito à Reforma, pois Wolmar era adepto de Lutero" (FERREIRA, 1990, p. 45). Nessa época é possível que Calvino já tivesse contato com as ideias humanistas. Ao mestre da língua e literatura grega, dedicou "seu *Comentário à Segunda Epístola de São Paulo aos Coríntios*" (BEZA, 2006, p. 12).

Em Bourges, Calvino teve também aulas com o reconhecido professor de Direito, o italiano Andrea Alciati. Todavia, conforme Ferreira (1990, p. 48) menciona,

[...] a impressão que se tem, contudo, é que Calvino ficou um pouco desapontado com Alciati. O professor italiano era fluente palrador, dono de magnífica retórica, mas quem sabe sem a lógica serena do grande L'Estoile.

Nas duas faculdades por onde passou, Orleans e Bourges, McGrath (2004, p. 69) informa que Calvino teve contato com alguma forma de humanismo e também que a filosofia educacional dessas duas faculdades era diferente da filosofia educacional da faculdade de Paris:

Em Orleans e posteriormente Bourges, ele encontrou uma forma de Humanismo que cativou sua imaginação e que, mais tarde, ele iria adaptar a seus propósitos particulares. Orleans diferia de Paris em uma série de aspectos importantes: não era uma cidade universitária, havia sido radicalmente reformada em 1512 e possuía somente uma faculdade – a de direito, com o direito civil predominando sobre o direito canônico.

Mesmo sem completar o curso de Direito, a academia conferiu-lhe, "por voto unânime de seus professores" (COSTA, 2006, p. 14), o título de doutor em Direito, como reconhecimento à sua dedicação à vida acadêmica. Entretanto, "divergem os autores sobre se Calvino teria aceitado ou não esse grau" (FERREIRA, 1990, p. 47). Todavia, Beza (2006, p. 11) afirma categoricamente: "ele recusou".

A CONTRIBUIÇÃO LITERÁRIA DE JOÃO CALVINO

Após a morte do pai, possivelmente em 1531, ainda que tenha demonstrado respeito e obediência a ele, Calvino “sentiu-se livre para deixar o estudo de Direito por sua verdadeira paixão, a literatura clássica” (GEORGE, 1993, p. 171). Com a mente ocupada e agora dedicada à literatura clássica, em 4 de abril de 1532, como fruto da sua paixão a essa disciplina, Calvino publicou o seu primeiro livro, um comentário sobre o tratado do antigo filósofo estoico Sêneca, *De Clementia*.

Quanto ao conteúdo desse empreendimento literário de Calvino, McGrath (2004, p. 79) faz um comentário interessante, pois, ao mesmo tempo que percebe no autor a falta de originalidade, ressalta a sua habilidade para a produção literária:

A obra demonstra uma fundamentação exaustiva na história, literatura e cultura da Antiguidade; 55 autores latinos e 22 autores gregos são citados. Essas estatísticas talvez sejam menos impressionantes quando se considera que a maioria das citações deriva de compilações existentes na época. [...] Entretanto, se o material de Calvino é emprestado, em vez de original, ele ainda assim demonstra uma considerável destreza e criatividade em manuseá-lo.

Com o privilégio de ter aulas com bons mestres, por aprender a trabalhar com as letras e aproveitando as oportunidades que o mundo acadêmico lhe ofereceu, Calvino enveredou pelos caminhos da eloquência e da boa escrita. Ele dominava estes três idiomas: hebraico, grego e latim, fator determinante para as realizações das suas pesquisas e dos seus estudos. Portanto, ao escrever seus textos, ele se fundamentava em bases sólidas, fazendo citações com propriedade, segurança e autoridade. Citava as obras clássicas, os Pais da Igreja e outros pensadores, indo direto às fontes. Isso transparece em todos os seus escritos.

Quanto ao seu interesse, envolvimento intelectual e acadêmico com os teólogos da Idade Média, isso pode ser percebido, sem qualquer dificuldade, quando se estudam os seus livros, principalmente a sua obra mais conhecida: *Institutas da Religião Cristã*. Nessa obra há uma abundância de citações dos Pais da Igreja. Ressalta-se, entretanto, que, entre os mais citados, aparece o bispo de Hipona, Santo Agostinho¹. Conforme Ferreira (1990, p. 42) observa: “Calvino faz 1700 citações de Agostinho e mais de 2400 referências a ele”.

1 Agostinho nasceu em Tagaste (África), em 13 de novembro de 354, no seio de uma família de poucos recursos. Seu pai, Patrício, era membro da cúria municipal. Sua mãe, Santa Mônica, era cristã fervorosa e exerceu sobre ele influência decisiva (cf. MARÍN, 2002, p. 102).

Obviamente, essas citações de Agostinho, bem como todas as outras que aparecem nas obras de Calvino, não foram feitas aleatoriamente, jogadas nos textos sem propósito ou interesse. Elas foram inseridas de modo lógico, intencional, preciso e coerente com a ideia central para fortalecer certamente o argumento do autor.

Sem dúvida, Calvino foi um homem dedicado aos estudos. Dedicção que durou todo o tempo de sua vida. Isso lhe possibilitou transitar sem dificuldade alguma nos clássicos da literatura e da teologia. Ele soube aplicar os seus conhecimentos à causa que defendia, fazendo isso com maestria e competência: “A respeito dele poderíamos dizer, parodiando o apóstolo São Paulo: onde abundou a fraqueza, superabundou a graça” (FERREIRA, 1990, p. 29).

Acredita-se ser oportuno esboçar a produção literária² de Calvino, disposta da seguinte forma:

1. *As Institutas*. Calvino produziu ao todo oito edições do texto latino (1536-1559) e cinco traduções para o francês.
2. *Comentários*. Escreveu comentários de todos os livros do Novo Testamento, exceto 2 e 3 João e Apocalipse, e sobre o Pentateuco, Josué, Salmos e Isaías.
3. *Sermões*. Ele costumava pregar sobre o Novo Testamento aos domingos e sobre o Velho Testamento durante a semana. Seus sermões eram anotados taquigraficamente por um grupo de leais refugiados franceses.
4. *Folhetos e tratados*. Temas apologéticos em geral.
5. *Cartas*. Escritas a outros reformadores, soberanos, igrejas perseguidas e protestantes encarcerados, pastores.
6. *Escritos litúrgicos e catequéticos*. Confissão de fé, catecismo, saltério.

A sua vasta produção literária tem 59 volumes. *As Institutas* em suas várias edições ocupam quatro volumes. Cinco ou seis volumes contêm os escritos ocasionais e outros 11 a sua correspondência. Do restante, 35 volumes correspondem às suas obras bíblicas, que incluem comentários de quase todo o Novo Testamento e de boa parte do Antigo Testamento, preleções sobre todos os Profetas e sermões expositivos de muitos livros da Bíblia.

Assim, é possível constatar a importância que Calvino dava para a educação:

[...] ao apresentar o seu catecismo formulado para a igreja de Genebra, afirmava Calvino que o ensino do catecismo era um meio de voltar ao costume primitivo, que, pela ação de Satanás, tinha sido abolido. Calvino insiste que a ignorância é a mãe da heresia (FERREIRA, 1990, p. 182-183).

² Para obter mais detalhes, ver George (1993, p. 185-188).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa atenção que Calvino dava para a educação está diretamente ligada à sua compreensão teológica a respeito do homem, pois o homem criado à imagem e semelhança de Deus tinha o direito à educação. O homem com educação alcançaria sua satisfação pessoal ao mesmo tempo que serviria o seu próximo e, conseqüentemente, glorificaria a Deus. Em outras palavras, o homem deveria ter acesso à educação. Calvino queria “Igreja e escola de mãos dadas no grande propósito de servir o homem e glorificar a Deus” (FERREIRA, 1990, p. 185).

Calvin and his literary contribution to education

ABSTRACT

This article demonstrates that the movement of the Protestant Reformation of the 16th century was not limited to the field of religion, but reached other areas of society, with John Calvin, in addition to the systematization of theology, an expressive contribution to education given his vast production. literary.

KEYWORDS

Calvin. Culture. Education.

REFERÊNCIAS

- BEZA, T. de. *A vida e a morte de João Calvino*. Campinas: LPC, 2006.
- CALVINO, J. *Institución de la Religión Cristiana*. 2. ed. Barcelona: Feleire, 1999.
- CHAUNU, P. *O tempo das reformas II (1250-1550): a Reforma Protestante*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- COMPARATO, F. K. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- COSTA, H. M. P. da. *Pensadores cristãos: Calvino de A a Z*. São Paulo: Vida, 2006.
- DREHER, M. N. *A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- FERREIRA, W. de C. *João Calvino: vida, influência e teologia*. Campinas: LPC, 1990.
- GEORGE, T. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.
- LUTERO, M. *Obras selecionadas*. São Leopoldo, Porto Alegre: Concórdia, 1995. v. 5.

MARÍN, A. R. *Los grandes maestros de la vida espiritual*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

MCGRATH, A. E. *A vida de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

PIRENNE, H. *História econômica e social da Idade Média*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

WALLACE, R. *Calvino, Genebra e a Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

Recebido em: 23/03/2022 **Aprovado em:** 24/04/2022